

O COMÉRCIO DE CERA DE ABELHA NO MUNDO ATLÂNTICO

Juliano Whitaker Auler
julianoauler96@gmail.com

Resumo: Este artigo visa apresentar a cera de abelha, um dos produtos fabricados por esses insetos, enquanto uma mercadoria com características particulares que foi pouco estudada a partir de lentes históricas. Debate-se, nesse sentido, o rápido crescimento do comércio de cera exportada da África a partir do século XV para o Atlântico. Argumenta-se que a pouca valorização da cera ocorre por este ser um produto do dia a dia, mobilizado e comercializado sobretudo por pequenas sociedades e organizações familiares. Procura-se por fim trazer para o campo dos estudos entre história e meio ambiente, a atividade da apicultura como maneira de inserção de sujeitos e grupos à margem das principais estruturas econômicas e sociais. Palavras-chave: Cera de Abelha, Comércio Atlântico, Apicultura, Estudos Africanos.

Abstract: This article aims to present the beeswax, one of the products made by bees, as a commodity with particular characteristics that have been little studied through historical lenses. The rapid growth of the wax trade exported from Africa to the Atlantic, from the 15th century onwards is debated. It is argued that the low relevance of wax is due to the fact that it is an everyday product, mobilized by small companies and family organizations. Thus, it is intended to articulate in the field of studies between history and environment, the activity of beekeeping as a way of insertion of marginalized groups and subjects.

Keywords: Beeswax, Atlantic Trade, Beekeeping, African Studies.

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No ano de 1634, John Levett publicou em Londres seu inovador estudo sobre a vida e hábitos das abelhas, com um extenso e informativo título: *O ordenamento das abelhas: ou, A verdadeira história de manejá-las de tempos em tempos, com seu mel e cera, mostrando sua natureza e criação. Como também quais árvores, plantas e ervas são boas para elas, e nomeadamente quais são prejudiciais: junto com o extraordinário lucro que delas advém. Estabelecido em diálogo, resolvendo todas as dúvidas.* (LEVETT, 1971).¹ A obra, escrita de maneira quase lúdica na forma de um único diálogo entre dois personagens fictícios, contém detalhadas informações baseadas em observações empíricas sobre a atividade da apicultura, o convívio dos homens com as abelhas, a manutenção de suas colmeias, diversas observações de natureza biológica sobre sua organização, além dos melhores e mais eficientes métodos para se extrair não apenas o mel, principal produto oriundo das abelhas, mas também uma substância cujos usos são diversos, porém relativamente pouco conhecidos: a cera.

Curiosamente, em seu prefácio Levett comenta que muitos estranharão uma obra dedicada unicamente a um assunto considerado de pouca relevância como a vida das abelhas e a apicultura. Segundo o autor, “enquanto o mel e a cera podem parecer de pouca importância aos olhos de muitos, o pobre camponês, os chefes de família, o bom mercador, o bem instruído apotecário e cirurgião, conhecem bem o grande valor dessas commodities”² (LEVETT, 1971, *To the Reader*, p.1).

Cerca de um século depois da famosa publicação, a *Royal African Company*, companhia de comércio britânica que monopolizou o comércio escravista na África Ocidental ao longo da segunda metade do século XVII, instruía seus funcionários no Rio Gâmbia, na região da Senegâmbia, a adquirirem o máximo possível de cera de abelha na região. De acordo com uma de suas cartas, enviada em 1721, a cera era uma *commodity* valiosa ao ponto da quantidade enviada nunca ser o bastante (TUCK, 2012, p.292).

Essa ânsia pela mercadoria por uma das principais companhias de comércio da Era Moderna se contrasta com a pouca visibilidade que ela tem, como já anunciado no início do século XVII por John Levett, e como se continua a observar nas análises históricas que abordam a história das mercadorias e o chamado comércio Atlântico. Nas últimas décadas, trabalhos com foco nas denominadas cadeias mercantis dos mais diversos produtos têm aumentado cada vez mais, sobretudo no contexto do Intercâmbio Colombiano e da formação do Mundo Atlântico (CROSBY, 1972). Nesse sentido, é surpreendente que uma mercadoria tão presente nos circuitos de troca atlântica como a cera de abelha, tenha, até hoje, recebido relativa pouca atenção dessa parcela da historiografia. Salvo raras menções entre um rol de produtos, é raro encontrar um estudo totalmente dedicado a esse produto tão único.

1 Tradução livre do autor do título original em inglês: *The ordering of bees: or, The true history of managing them from time to time, with their hony and waxe, shewing their nature and breed. As also what trees, plants and hearbs are good for them, and namely what are hurtfull: together with the extraordinary profit arising from them. Set forth in a dialogue, resolving all doubts whatsoever.*

2 Tradução livre do autor do texto original em inglês.

O autor procura apresentar neste artigo a cera de abelha enquanto uma mercadoria histórica particular, com possibilidades de análise que variam da escala local à global, ao mesmo tempo em que é um produto de origem animal e fruto da interação de sociedades humanas com sociedades de abelhas, conhecidas há pelo menos 40.000 anos. O estudo se encontra dividido em 3 partes. Na primeira, aborda a trajetória histórica da cera de abelha entre seres humanos, seus usos, modos de produção e características. Em seguida, discute-se de que forma a cera de abelha é tratada na historiografia, sobretudo voltada para a Idade Moderna e o comércio Atlântico, quando verifica-se que a cera passa a ser exportada em grandes quantidades de diversas regiões do continente africano. Por fim, a última parte se aprofunda sobre o processo de mercantilização do produto na região, as problemáticas de um comércio marginal e da interação humana com a natureza.

A CERA DE ABELHA NA HISTÓRIA HUMANA

A cera de abelha é uma substância única, produzida somente por algumas espécies de abelhas no processo de construção dos favos que estruturam a colméia e armazenam o mel. Sua utilização entre seres humanos pode ser considerada tão antiga quanto a própria atividade da apicultura, que remonta há milênios de anos atrás. Isso faz com que uma análise das origens desse produto a partir de um local específico no espaço seja virtualmente impossível, uma vez que é provável que a apicultura tenha surgido de maneira independente ao redor do mundo, e que espaços de produção de mel e cera tenham tido pouca interação à longa distância, pelo menos até o fim da Idade Média.

A principal espécie relacionada à fabricação de cera são as abelhas do gênero *Apis Mellifera*, conhecida popularmente no Brasil como abelha-europeia, que produzem uma cera de coloração branca e considerada de melhor qualidade. De acordo com Eva Crane, a cera produzida na Europa e na África é, em geral, oriunda da *Apis Mellifera* e suas subespécies, já na América Latina, ao menos até o período colonial, a principal fonte de cera vinha das abelhas *Meliponinae*, conhecidas como abelhas sem ferrão, em geral uma cera com coloração mais amarelada considerada de qualidade inferior. Esse cenário começa a mudar após a importação de abelhas do tipo *Apis* por ingleses e espanhóis a partir do século XV (CRANE, 1999, pp.288-298).

Para a fabricação da substância pelas abelhas, os únicos materiais necessários são os carboidratos presentes no próprio mel (frutose, glicose e sacarose), e seu volume de produção é determinado pelo fluxo de néctar coletado e pela quantidade de ovos colocados pelos insetos, pois ambas atividades requerem a construção dos favos e a fabricação de mel. Naturalmente, fatores climáticos externos como chuva e temperatura são cruciais nesse processo, e podem determinar não somente o volume produzido como a qualidade do material. Especificamente para a produção da cera, é ideal que a temperatura ambiente esteja entre 33° e 36° C e que as colméias estejam localizadas próximas a fontes de água, como rios e córregos (BOGDANOV, 2009, pp.1-16).

Através dessas características, percebemos que a cera, enquanto material utilizado por seres humanos e não raro mercantilizado, já se encontra parcialmente pronta mesmo sem a ação humana. Além disso, assim como diversos outros produtos oriundos da atividade extrativista, chuvas irregulares e períodos prolongados de seca afetam as produções de cera. Ainda que os requisitos para sua fabricação sejam mínimos, alguns espaços são mais propícios que outros, e, como veremos mais adiante, acabam por adquirir importância histórica significativa nas relações em torno dessa substância que articula aspectos da vida humana.

Após a fabricação da cera pelas abelhas ocorre sua extração por coletores humanos, juntamente com a retirada do mel, feita com o auxílio de facas ou instrumentos cortantes que retiram os quadros de cera dos favos. Os favos são então processados geralmente através de água fervente, embora hoje existam processos químicos que realizam essa tarefa. O processamento ocorre sobretudo para eliminar impurezas e alcançar uma cera de melhor qualidade, sendo então processada em formatos de barras ou lâminas. Esse é um processo, quando comparado à simples extração do mel, relativamente trabalhoso e acabou contribuindo para que em alguns espaços, sobretudo antes das inovações tecnológicas e sua divulgação, a cera da abelha fosse muitas vezes descartada (BRADBPEAR, 2009, pp.103-111).

Assim como Nicola Bradbear, outros estudiosos do tema afirmam que o desperdício de cera foi e ainda é um problema: seu valor, métodos de processamento e sobretudo a grande variedade de produtos obtidos a partir da cera ainda é desconhecido por muitos. De acordo com Bradbear, cerca de metade da cera produzida no mundo hoje ainda é desperdiçada (BRADBPEAR, 2009, p.103). Nesse sentido, uma das particularidades da cera de abelha enquanto produto histórico, de raízes milenares e espalhado ao redor do globo, é a substância ser relativamente desconhecida, sobretudo quando comparada com o mel e outros produtos de base animal.

Nessa ótica, conforme busca-se explorar no presente artigo, não é surpreendente que esse ofuscamento reflète-se também no campo dos estudos históricos e das análises sociais. Argumenta-se aqui, ao considerar a versatilidade do produto e sua presença nas mais diversas sociedades e períodos históricos, incluindo seu crescimento a partir do século XV, que é necessário um olhar mais cuidadoso para a cera de abelha enquanto mercadoria, sobretudo dentro do contexto de formação do Mundo Atlântico, quando a cera de regiões africanas passa a circular, através de mercadores e traficantes europeus, entre espaços até então pouco conectados.³ Mas afinal de contas, para que serve a cera de abelha?

No Antigo Egito o processo de mumificação e embalsamamento muitas vezes era feito a partir da cera de abelha. A própria etimologia da palavra múmia remonta ao radical persa, *mum*, que significa cera, indicando que seu uso e conhecimento pode ser rela-

3 Em diálogo o movimento historiográfico de reforçar a agência africana nos processos históricos, em que a obra de John Thornton surge como paralelo imediato. THORNTON, J. K. *A África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico, 1400 – 1800*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004

tivamente bastante difundido desde, ao menos, o século IV a.C. Na China Antiga, a cera era utilizada na preparação de bálsamos e medicamentos por conta de suas propriedades medicinais, assim como em sociedades pré-colombianas nas Américas (BOGDANOV, 2009, pp. 2-6).

Embora já fosse utilizada na fabricação de velas anteriormente, é por volta do século IV d.C, quando introduzida na Europa cristianizada, que a cera assume um lugar de destaque e passa a estimular um comércio constante de cera para a produção de velas de altar. Nesse período a Igreja Católica decreta que todas suas velas deveriam ser 100% feitas a partir da cera de abelha (essa regra existe até hoje, mas as porcentagens variam de 5% a 51% entre diferentes localidades).⁴ Durante o século XIII, com o aumento e sofisticação das práticas religiosas, surge de fato uma grande demanda por cera de abelha na Europa, principalmente em Londres (SAPOZNIK, 2018, p.2).

Pesquisas apontam que havia um comércio de cera de abelha através da Liga Hanseática, tendo a região dos Balcãs como principal produtora, assim como importações da Península Ibérica, mas as fontes sugerem que boa parte da cera consumida na Inglaterra durante a Idade Média era de origem local (VELLUT, 1979, p.16). Londres também viu surgir diversas guildas de fornecedores e fabricantes de cera, entre elas a *Worshipful Company of Wax Chandlers*, ativa até os dias de hoje, cujos registros datam do século XIV, sendo uma das mais antigas companhias londrinas.⁵ Além da fabricação de velas, a cera também foi um material utilizado na metalurgia em povos como os Vikings, em rotas escandinavas no início da Idade Média, onde havia uma demanda de cera entre ferreiros suecos (GUSTAFSSON, 2016, pp.97-101).

Eva Crane, em *The World History of Beekeeping and Honey Hunting*, aponta para o uso da cera de abelha como forma de presentes e tributos em diferentes espaços, inclusive entre os Maias e Incas antes e durante a chegada de europeus (CRANE, 1999, p.498). Além da fabricação de pastas e pomadas, já presente nessas sociedades desde antes do século XV, é importante destacar que o processo de colonização também significou a presença da Igreja Católica nos territórios americanos, e, portanto, de todo aparato ritualístico para a execução de missas, batismos e celebrações, dentre os quais as velas feitas a partir da cera de abelha eram um componente obrigatório (NEWSON, 2019, p.3). Esse é o ponto de partida para a análise histórica da cera de abelha sugerida no presente artigo, momento em que as vidas humanas e a natureza passam por transformações inéditas (CROSBY, 1972), e quando sociedades na África Ocidental, que até então pouco utilizavam a cera, passam a produzi-la e exportá-la em proporções globais.

AUSÊNCIA HISTORIOGRÁFICA

⁴ Sobretudo por razões litúrgicas; as abelhas durante a Idade Média se tornaram fortes símbolos culturais e religiosos, sendo associadas às figuras de Cristo e Maria.

⁵ A companhia mantém um site oficial - <http://www.waxchandlers.org.uk/wax/beeswax.php> - com informações sobre sua origem, uma detalhada cronologia e um banco de arquivos históricos.

Embora existam, de fato, alguns trabalhos que mencionam a cera de abelha,⁶ é perceptível que existe uma lacuna significativa de estudos específicos sobre essa mercadoria a partir da teoria e metodologia histórica. Mesmo neste artigo, as referências citadas anteriormente que versam mais profundamente sobre o tema são pesquisas científicas do ramo do estudo das abelhas e da apicultura, e não históricas.

Como veremos a seguir, o desenvolvimento histórico da cera de abelha na África a partir do século XV é particularmente sensível a duas tendências historiográficas muito relevantes na atualidade: a análise de cadeias mercantis e os estudos da agência africana. Curiosamente, a cera de abelha aparece mais em análises antigas, como nas obras de Sérgio Buarque de Holanda (DE HOLANDA, 1975) e Walter Rodney, do que em pesquisas mais recentes que dialogam com as áreas historiográficas citadas.

No início do período Moderno a maior parte da cera consumida na América hispânica dependia de exportações europeias, e, em menor escala, da cera de baixa qualidade da região do México e da América Central. Até então, as regiões americanas possuíam apenas a cera produzida por abelhas *Meliponinae*, longe da qualidade do produto obtido a partir de espécies do gênero *Apis*, inexistentes na região. Ao mesmo tempo, a disponibilidade de importações de cera da Europa para o Novo Mundo sempre foi limitada, e tornou-se cada vez mais escassa a partir do início do século XVII, período em que se destacam uma série de mudanças ambientais e demográficas em curso desde o final da Idade Média que contribuíram para a diminuição na produção e fornecimento de cera. Esses eventos, aliados à procura por uma cera de alta qualidade trouxeram a necessidade de novos espaços que fornecessem o produto.

Diferentes estudos, não somente históricos, mas principalmente de livros e artigos voltados para o campo da apicultura, apontam que a partir de meados do século XVI a cera de abelha se torna uma importante mercadoria de exportação em regiões do continente africano. De acordo com Eva Crane, a África praticamente não comercializava a cera até o momento em que comerciantes e agentes europeus passaram a comprá-la, contudo, rapidamente o continente se tornou o principal fornecedor desse produto no mundo ocidental, para as Américas e também para a Europa (CRANE, 1999, p.499).

Ainda por essa ótica, Tammy Horn, em *Bees in America: How the Honey Bee Shaped a Nation*, afirma que durante o século XVII, o continente africano era o maior fornecedor de cera de abelha no mundo, apesar de até cerca de dois séculos antes grande parte da cera africana ser desperdiçada (HORN, 2005, p.2). A rápida transformação de um produto pouco valorizado, muitas vezes descartado e sem *status* comercial dentro de boa parte continente africano, em uma mercadoria amplamente comercializada indica um proces-

6 Obras e pesquisas voltadas especificamente para as exportações africanas para o Mundo Atlântico, a partir do século XV, geralmente apresentam uma breve menção à cera de abelha como uma das muitas mercadorias trocadas com mercadores europeus na costa africana. É o caso, por exemplo, de Phillip Curtin (CURTIN, Philip D. **Economic Change in pre-colonial Africa**, Madison. 1975.), Joseph Miller (MILLER, Joseph Calder. **Way of death: merchant capitalism and the Angolan slave trade, 1730–1830**. Univ of Wisconsin Press, 1997.), e Colleen Kriger (KRIGER, Colleen E. **Making Money: Life, Death, and Early Modern Trade on Africa's Guinea Coast**. Ohio University Press, 2017.).

so ainda pouco estudado, e que pode ser útil para melhor compreender as dinâmicas de grupos africanos ao longo do desenvolvimento do sistema escravista Atlântico.

Ressalta-se que é um processo pouco estudado pois percebe-se um consenso na historiografia africanista de que a cera, tal como o marfim, a noz de cola, a goma, entre outros, era uma mercadoria exportada da África para o Atlântico, mas a análise para nesse ponto. Salvo raras exceções,⁷ os estudos sobre essa mercadoria nunca foram alvo específico de nenhum debate, aparecendo apenas descritivamente no rol de bens comercializados entre africanos e europeus.

A análise desses bens vem sendo retomada por estudos de cadeias mercantis, a partir de pesquisas clássicas sobre a História da África: é comum afirmar que comerciantes europeus vendiam bens como barras de ferro, uma ampla variedade de têxteis indianos, europeus, de outras regiões africanas, além de produtos como tabaco, álcool, armas de fogo e miçangas, em troca de escravizados e mercadorias como ouro, marfim, couros, peles, óleo de palma e cera de abelha (LOVEJOY, 2002; WONDJI, 2010). Os produtos variam sutilmente de acordo com a região e a data, mas um levantamento da literatura sobre o comércio e economia na África pré-colonial aponta que a cera de abelha em regiões como Alta Guiné e Angola é presença constante nos fluxos comerciais, chegando inclusive a ser fundamental na virada do século XIX do chamado comércio lícito (BROOKS, 1970).

Nas últimas décadas as análises históricas com ênfase no chamado Mundo Atlântico vêm conquistando cada vez mais espaço nos laboratórios e centros de pesquisa, sobretudo a partir da virada dos estudos nacionais para uma história global, conectada e transnacional, assim como no aprofundamento dos estudos subalternos. No que se refere aos estudos de cadeia mercantil, ou seja, as análises das dimensões de produção, circulação e consumo de uma mercadoria, parte significativa deles se concentra justamente no espaço Atlântico, em diálogo com a História Atlântica conforme as metodologias teorizadas por autores como David Armitage e Dale Tomich (ARMITAGE, 2002; TOMICH, 2004).

Nesse contexto historiográfico, diversas produções buscam enfatizar as relações presentes no espaço Atlântico, no sistema escravista e em sociedades africanas a partir da análise de cadeias mercantis: boa parte das mercadorias citadas acima possuem análises individuais sobre sua trajetória, como, por exemplo, a obra de Vanicleia Silva sobre o marfim, para citar uma produção brasileira com enfoque em uma mercadoria africana. (SILVA, 2017). Outro exemplo é a recente pesquisa de Felipe Malacco, enfatizando o comércio Atlântico de couro na Senegâmbia enquanto um dos principais produtos de exportação na região (MALACCO, 2019).

Poderíamos citar outros produtos, não apenas de origem africana, mas também artigos que se desenvolvem a partir das *plantations* americanas, como o algodão e o açúcar,

⁷ Especificamente um artigo em francês escrito por J.L. Vellut e um capítulo em inglês escrito por Michael Tuck como os únicos estudos sobre o lugar da cera de abelha na África. Em português não foi encontrado nenhum estudo específico, até o presente momento, voltado para essa região.

até se tornarem mercadorias de fato globais dentro do sistema capitalista em formação. No entanto, a intenção aqui é, sobretudo, enfatizar que, dentre os principais artigos que circulam a partir da África no Atlântico e têm sido estudados cada vez mais no Brasil e no mundo, parte significativa deles é de origem animal, e traz para o centro da história mercantil as relações entre humanos, fauna e flora. Dentro do contexto de desenvolvimento da escravidão e do próprio sistema capitalista (WILLIAMS, 2012), essa relação torna-se muitas vezes predatória e catastrófica, como é o caso da caça de elefantes para adquirir o marfim.

Já a cera de abelha, também um produto de exportação africano de origem animal, permanece como uma mercadoria relativamente desconhecida à luz das análises históricas aqui mencionadas. A relação de seres humanos com a cera é bastante particular, e, como espera-se elucidar neste artigo, pode oferecer novas perspectivas para o estudo ambiental entrelaçado com a História da África. Enquanto o extrativismo da cera pode vir a oferecer danos para as abelhas, ele não é necessariamente prejudicial, como é o caso do comércio de marfim, e gira em torno não somente do processo de extração mas da relação de convivência humana com uma colônia animal.

Embora a cera não seja estudada intensamente, até agora, destaca-se que ela é bastante mencionada no corpo de estudos atlânticos e africanos, e que a partir do estudo dessa bibliografia foi possível traçar sua trajetória histórica em geral, bem como suas características particulares. Em *A Manilha e o Libambo*, Alberto da Costa e Silva comenta que comerciantes portugueses no século XV buscavam se abastecer de “ouro, de couros, de panos, de goma, de cera, de marfim e de escravos” (SILVA, 2011, p.136). Boubacar Barry, um dos maiores especialistas sobre a região da Senegâmbia, repetidas vezes também descreve a cera, juntamente com outros produtos, no trato entre europeus e grupos da região (BARRY, 2002).

Em seu clássico estudo sobre a Alta Guiné, Walter Rodney foi um dos primeiros autores a destacar a cera de abelha não somente como uma mercadoria comercializada na região, mas também como um produto importante para o desenvolvimento do tráfico de escravizados na região (RODNEY, 1970). Embora a cera seja, novamente, apenas mencionada, o entrelaçamento do comércio escravista com o de outras mercadorias ainda havia sido pouco estudado, principalmente em relação às perspectivas de grupos africanos envolvidos nesse comércio. O autor guianense busca também ressaltar que a África não é apenas o espaço da escravidão, que grupos e pessoas também podem existir nos processos históricos através de outras relações sociais, entre elas a produção e comércio de diferentes mercadorias, entre elas a cera. Como se observa, essa é uma perspectiva bastante cara ao estudo que vem sendo aqui proposto.

Linda Newson, no rastro da observação deixada por Walter Rodney, chama a atenção em um instigante artigo para os vínculos transatlânticos entre a Senegâmbia e a América espanhola, observados a partir do diário de um traficante de escravos que também comercializava cera, ao longo da travessia negreira (NEWSON, 2018) De acordo

com a autora, o baixo custo de transporte de uma mercadoria como a cera tornava seu comércio lucrativo, ainda que seu valor absoluto fosse muito inferior ao de um escravo, por exemplo. Embora foque mais na relação de circulação e seus impactos na região do Peru, Linda Newson também comenta sobre as possibilidades do estudo de uma mercadoria africana, oriunda de um animal e que provavelmente não era monopolizada por grupos e elites.

Em geral, podemos afirmar que a historiografia voltada para os estudos Atlânticos e da África pré-colonial pouco se voltou para as particularidades da cera de abelha, seja em sua mercantilização e eventual circulação a nível global (ou intercontinental), seja em como tais processos se desenvolveram a partir de articulações locais e ações de grupos africanos. Enquanto são raras exceções as pesquisas de fato aprofundadas sobre o tema, e as razões para o próprio desinteresse sobre a mercadoria digam mais respeito sobre as particularidades da cera e sua obstrução em muitos documentos primários, esses poucos estudos lançam bases importantes para pesquisas futuras, além de oferecer possibilidades instigantes que buscaremos apresentar a seguir.

MERCANTILIZAÇÃO DA CERA NA ÁFRICA

O questionamento acerca da pouca relevância da cera nos estudos africanos ocorre, sobretudo, por conta da importância que é atribuída ao produto a partir do século XV na África Ocidental (figurando entre as principais exportações da região) e como isso não se traduz na historiografia. Tal relevância, já destacada anteriormente, levanta a questão da trajetória da cera de abelha em um contexto histórico, considerando seu processo de mercantilização no interior e a dimensão da relação entre seres humanos e natureza. Afinal, há uma mudança drástica no comércio e produção de cera no interior do continente africano a partir do século XV, com destaque para as regiões de Angola e da Senegâmbia.

É difícil estimar o quanto seu uso era difundido pelo continente, uma vez que possuía uma ampla gama de utilizações e a quantidade de relatos disponíveis para antes das navegações europeias é bastante reduzida. Não obstante, ainda que fosse aplicada na fabricação de medicamentos em determinada região, ou no revestimento de construções em outras, podemos afirmar que antes do comércio Atlântico seu uso era local e seu comércio provavelmente também.

Contudo, tendo em vista as estimativas de que boa parte da cera de abelha era desperdiçada na África até poucos séculos atrás (HORN, 2005, p.32), e sua pouca relevância no comércio transaariano de longa distância, a ideia de que a cera era uma substância bastante desvalorizada permanece bem fundamentada. De acordo com Jean-Luc Vellut, certos grupos na África Central como os Ngangela utilizavam a cera para reparar suas ferramentas, mas isso parece ter sido uma prática excepcional. Tratando especificamente do mundo Banto, Vellut afirma que a cera não era utilizada para fins artísticos, mas o mesmo não se pode dizer das civilizações egípcia e Ife, na atual Nigéria. Em geral, as

sociedades na África Central não pareciam ter muita utilidade para a cera (VELLUT, 1979, pp.96-100).

Assim, convém direcionar parte da problemática para a transformação de um produto desperdiçado em uma mercadoria volumosa no Mundo Atlântico. Como isso ocorreu? Quais foram os agentes que tornaram tal processo possível? O relato do veneziano Alvise Cadamosto, viajando a serviço de Portugal em 1455, na região da Senegâmbia, oferece uma passagem bastante instigante sobre a cera de abelha:

Eles também se maravilharam ao ver uma vela acesa em um castiçal, pois aqui eles não sabem como fazer qualquer outra luz que não uma fogueira. Para eles a visão de uma vela, nunca antes vista, era bela e miraculosa. Como, nesse país, se encontra mel, eles sugam o mel do favo e jogam fora a *cera*. Tendo comprado um pequeno favo de mel, mostrei a eles como extrair o mel da cera e perguntei se eles sabiam o que havia restado. Responderam que não servia para nada. Então, em sua presença, mandei fazer e acendi algumas velas. (CRONE, 2017, p.51)⁸

Não sabemos ao certo qual grupo de nativos era esse que, em contato com Cadamosto, testemunhou que da cera de abelha podem-se fabricar velas, e com elas fogo. Entretanto sua localização era próxima às margens do Rio Gâmbia, principal via econômica da Senegâmbia que viria a florescer com o comércio Atlântico, habitado sobretudo por diversas populações Mandingas, um dos grupos majoritários da região.

A criação de abelhas e extração do mel nunca foi uma novidade na África. De acordo com o pesquisador alemão Carl Seyffert, que documentou relações tradicionais africanas com as abelhas e seus produtos no período colonial, na região do Gâmbia e da Guiné a “abundância massiva de abelhas, de um mel requintado, e uma cera de igual qualidade permitiram que um intenso comércio chegasse muito cedo [no período colonial]”(HORN, 2005, p.33).

Esse “intenso comércio” representou, acima de tudo, um profundo processo de mercantilização de um produto do extrativismo que sempre esteve marginal frente a outras mercadorias. Marginal pois a cera não tinha o *status* de uma mercadoria em muitas regiões africanas, e sobretudo por conta de, a partir do momento em que ela passa a ser comercializada, sua produção encontra-se nas mãos de pequenos agricultores, de homens comuns que possuíam alguma afinidade com a apicultura, e não de elites políticas e econômicas que dominavam o comércio escravista e/ou de produtos como ouro e marfim.

A mercantilização da cera de abelha na Senegâmbia ocorre a partir de uma junção de fatores: em primeiro lugar, como já observado, o produto existia em grande quantidade na região, sendo bastante subproveitado; somado a isso, temos a crescente demanda de cera de abelha de alta qualidade não só na Europa, mas também nas Américas a partir

⁸ Tradução própria do inglês, no original: “*They also marveled much on seeing a candle burning in a candlestick, fo(r) here they do not know how to make any other light than that of a fire. To them the sight of the candle, never seen before, was beautiful and miraculous. As, in this country, honey is found, they suck the honey from the comb, and throw away the wax. Having bought a little honeycomb, I showed them how to extract the honey from the wax, and then asked whether they knew what it was that remained. They replied that it was good for nothing. In their presence, therefore, I had some candles made, and lighted.*”

do processo de colonização e expansão da Igreja Católica, com sua alta demanda por velas.

Com base em Walter Rodney, Linda Newson observou que o desenvolvimento desse comércio esteve atrelado às ações de traficantes de escravos portugueses, os primeiros agentes europeus a estabelecerem trocas constantes entre a Península Ibérica, o litoral da Senegâmbia e a América Hispânica. No início do século XVII, homens como o traficante Manuel Bautista Perez, analisado por Newson, passaram a comercializar, juntamente com africanos escravizados, cera de abelha para ser vendida no Novo Mundo (NEWSON, 2018, p.12).

Entretanto, não basta oferta, demanda e a existência de um meio que possibilite a circulação e o consumo em outros espaços, para que o estabelecimento do comércio de um produto (no sentido das relações que denominamos aqui como cadeia mercantil) de fato ocorra. Aqui se encontra outra das problemáticas dessa temática: justamente a dimensão que envolve a produção de uma mercadoria, e que se relaciona intrinsecamente com o tema da mercantilização, não apenas da terra, ou do trabalho, mas também das relações humanas e ambientais. Para a efetiva formação do comércio de cera de abelha no Atlântico foi preciso, antes de tudo, que populações familiarizadas com as técnicas da criação de abelhas e o manejo das colméias, assim como com o ambiente em que elas se situam, se integrassem nessa complexa rede a partir da posição de produtores e fornecedores.

A expansão da produção da cera na África Central, afirma Vellut, ocorreu essencialmente para atender as demandas de mercados internacionais (VELLUT, 1979, p.100). Não há motivos para crer que essa informação não possa ser válida também para a região da Senegâmbia em específico, e da África Ocidental de forma geral, ao contrário, os indícios apontam constatação semelhante.

Do outro lado do Atlântico, no início do regime colonial, a produção de mel e cera no Brasil cresceu em grandes proporções: o mel, antes de ser superado pelo açúcar, era consumido em grande quantidade pelos portugueses, enquanto a cera, com seus muitos usos, servia até mesmo como moeda no interior, e provavelmente levava a um consumo significativo de velas. Entretanto, como já detalhado, a cera americana possuía uma qualidade inferior, e ao longo do século XVI a própria produção de mel e cera locais diminuiu consideravelmente, resultando em um rápido aumento dos preços, como detalha Sérgio Buarque de Holanda ao analisar *les civilisations du miel* (DE HOLANDA, 1950).

De acordo com o historiador brasileiro, optou-se durante a colonização pelo uso de métodos extrativistas mais extensivos, que muitas vezes resultam na destruição dos enxames e na diminuição do número de abelhas. Apenas lentamente os métodos indígenas tradicionais, de caráter mais intensivo, se espalharam pelas regiões ocupadas. Nesse período o custo da cera se multiplicou por 14 entre 1594 e 1681, e dobrou entre 1700 e 1714 (DE HOLANDA, 1950, pp.79-80).

O crescimento do comércio de cera em Angola também foi acompanhado de uma mudança nas estruturas de comércio no interior da colônia portuguesa. Ao longo do século XVIII, como já apontou Vellut, o lugar de pequenos comerciantes cresce na organização do comércio, diminuindo os monopólios administrativos enraizados desde o início do século anterior. Essa análise coincide com os apontamentos levantados para a região da Senegâmbia, no sentido do extrativismo da cera ser uma opção de inserção comercial para populações marginalizadas, fora dos monopólios econômicos e dos jogos de força do período escravista. Desde seu estabelecimento, o comércio de cera foi obra de pequenas organizações individuais ou familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que comunidades humanas começaram a interagir com sociedades de abelhas, observando seus hábitos, suas características, e aos poucos tornando o convívio em uma atividade tanto alimentar, como utilitária, e por fim comercial, as substâncias produzidas por esses insetos fazem parte da vida social em diferentes dimensões. Não somente o mel, mas também o pólen, o própolis e a cera, objeto desse estudo, são produtos fabricados pelas abelhas que trazem benefícios para os humanos e a natureza como um todo. Apesar disso, como diz John Levett em seu tratado, essa nunca foi uma atividade particularmente reconhecida ou mesmo valorizada.

Ao longo dos séculos a cera de abelha sempre esteve presente, em maior ou menor grau, nas mais diversas sociedades ao redor do globo. Sociedades pré-colombianas, as civilizações chinesa e egípcia, as rotas comerciais europeias comercializavam e utilizavam a cera no dia a dia. Como afirma Michael Tuck, em um capítulo na obra de Toby Green, talvez a pouca valorização da cera (e que também se traduz na sua ausência historiográfica) seja justamente o fato de ser um produto do dia a dia, uma *commodity* comumente utilizada no cotidiano e facilmente obtida (GREEN, 2012, pp.285-303).

A grande particularidade da produção de cera em boa parte do continente africano foi sua rápida e moderna mercantilização. Um produto que até o século XIV era frequentemente descartado, torna-se nos séculos seguintes uma das principais mercadorias exportadas da região, e tardiamente se configura em um carro chefe da virada do comércio lícito, com o fim da escravidão. Entretanto, ao contrário de outros produtos de origem africana, incluindo sobretudo o tráfico humano, a cera se encontrava fora de monopólios de grupos e elites com maior poder militar, econômico ou político.

Dessa forma, existe um duplo movimento no processo de mercantilização da cera na Senegâmbia. A partir do momento em que sociedades como os Diola, habitantes da região do Rio Cacheu, abaixo do Rio Gâmbia, principal área de produção de cera de abelha na região, passam a comercializar cada vez mais esse produto em quantidades volumosas via Atlântico, a apicultura deixa de ser uma atividade de extrativismo esporádica e se torna muitas vezes uma prática única; em um paralelo com reinos como Oyó que passaram a se dedicar unicamente ao tráfico de escravos. Tal movimento se manifesta no

fato de que, enquanto o comércio de cera por grupos menores foi possível somente por ela escapar de grandes monopólios, tais populações precisaram, por conta da pressão do tráfico transatlântico, se voltar cada vez mais para a produção de cera, modificando em aspectos fundamentais suas organizações sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como a sua própria relação com a natureza ao seu redor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

- ALFRED, Crosby. **The Columbian exchange: biological and cultural consequences of 1492**. Westport, Conn.: Greenwood Publishing Co., 1972.
- BARRY, Boubacar. **Senegambia and the Atlantic Slave Trade**. Cambridge: University Press, 2002.
- BROOKS, George. **Yankee Traders, Old Coasters and African Middlemen. A History of American Legitimate Trade with West Africa in the Nineteenth Century**. Boston University Press, 1970.
- CRANE, Eva. **The world history of beekeeping and honey hunting**. Routledge, 1999.
- DE HOLANDA, Sérgio Buarque. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1975.
- CRONE, Gerald Roe (Ed.). **The voyages of Cadamosto and other documents on Western Africa in the second half of the fifteenth century**. Routledge, 2017.
- HORN, Tammy. **Bees in America: How the honey bee shaped a nation**. University Press of Kentucky, 2005.
- LEVETT, John. **ordering of bees**. 1971.
- LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África: uma história de suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- RODNEY, Walter C. **A History of the Upper Guinea Coast**. Oxford: Oxford University Press, 1970.
- SILVA, A. **A manilha e o libambo: a África e a Escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. Editora Companhia das Letras, 2012.

CAPÍTULOS DE LIVROS

- ARMITAGE, David. Three Concepts of Atlantic History. In: ARMITAGE, David, BRADDICK, Michael (orgs.) **The British Atlantic World: 1500 – 1800**. New York: Palgrave MacMillan, 2002
- BOGDANOV, Stefan. Beeswax: uses and trade. In: BOGDANOV, Stefan (org) **The Beeswax Book**. Bee, Product Science, 2009.
- BRADBEAR, Nicola. Production and trade of beeswax. In: **Bees and their role in forest livelihoods**. FAO, Rome, Italy, 2009
- TUCK, Michael W. “Everyday Commodities, the Rivers of Guinea, and the Atlantic World: The Beeswax Export Trade, c.1450-c1.800.” In: GREEN, Toby (org) **Brokers of Change: African Commerce and Cultures in Pre-colonial Western Africa**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- WONDJI, C. Os Estados e as Culturas da Costa da Alta Guiné In: OGOT, B. A. (Ed.) **África do Século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO, 2010.

PERIÓDICOS

- DE HOLANDA, Sérgio Buarque. Au Brésil colonial: Les civilisations du miel. In: **Annales, Histoire, Sciences Sociales**. Cambridge University Press, 1950. pp. 78-81.
- DE OLIVEIRA MALACCO, Felipe Silveira. O Comércio Atlântico de Couro na Senegâmbia: 1580-1700. **AbeÁfrica**: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos, v. 3, n. 3
- GUSTAFSSON, Ny Björn. Beeswax in metalworking in Viking Period Gotland. **Fornvännen**, v. 111, n. 2, p. 97-101, 2016.

NEWSON, Linda A. “Piety, beeswax and the Portuguese African slave trade to Lima, Peru, in the early colonial period.” *Atlantic Studies*, v. 16, n. 2, p. 144-162, 2019.

SAPOZNIK, Alexandra. Bees in the medieval economy: religious observance and the production, trade, and consumption of wax in England, c. 1300–1555. *The Economic History Review*, v. 72, n. 4, p. 1152-1174, 2019.

TOMICH, Dale. O Atlântico como espaço histórico. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 26, n°2,

VELLUT, J.-L. Diversification de l'économie de cueillette: miel et cire dans les sociétés de la forêt claire d'Afrique centrale (c. 1750-1950). *African Economic History*, No. 7, pp. 93-112, 1979.

Juliano Whitaker Auler: mestrando no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal Fluminense - UFF, graduado em Licenciatura em História (UFF). Tem pesquisado os seguintes temas: História Atlântica, História da África - com destaque para a macrorregião da Senegâmbia, História Ambiental e a História das Mercadorias, sobretudo as particularidades da cera de abelha.